

Apresentação

American Nightmare: a decadência da hegemonia dos Estados Unidos em debate

DANIEL JATOBÁ*

*Doutor em Ciência Política (IESP/ UERJ) e Mestre em Relações Internacionais (IREL/UnB). Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Instituto de Ciências Sociais/UnB e um dos Coordenadores do Núcleo de Estudos Latino-Americanos/UnB. Tutor do Programa de Educação Tutorial do Curso de Relações Internacionais/UnB. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4101446986138775>.

A atual conjuntura internacional nos revela um cenário de intensificação de disputas geopolíticas, fragmentação institucional e desgaste das promessas liberais que marcaram a ordem internacional do pós-Guerra Fria. As guerras em curso, as tensões no comércio global, a ascensão econômica e tecnológica da China e o enfraquecimento da legitimidade normativa dos Estados Unidos apontam para uma fase de transição complexa e incerta. No plano doméstico, a polarização política, a captura das instituições por elites econômicas e a persistência de desigualdades estruturais reforçam a percepção de declínio interno, projetando vulnerabilidades para o exterior.

É nesse contexto que se apresentam os textos que compõem o presente dossiê da *Revista PET-REL: Boletim de Conjuntura do Programa de Educação Tutorial de Relações Internacionais da Universidade de Brasília*, para o qual escolhemos o sugestivo título “*American Nightmare: declínio e fim da hegemonia dos Estados Unidos?*”. Os quinze textos que compõem o dossiê convidam o leitor a percorrer diferentes temas e ângulos de análise que, juntos, compõem uma cartografia crítica do nosso tempo presente. O resultado é um conjunto de análises de conjuntura que exploram os dilemas internos e externos do poder norte-americano neste momento em que completamos o primeiro quartel do século XXI.

O que se oferece é, antes de tudo, uma diversidade de abordagens teóricas e metodológicas que propõem interpretações que transitam entre o campo material e o simbólico, entre o nível doméstico e o internacional, entre os aspectos econômicos e de segurança. Por meio de um esforço coletivo, buscamos compreender em que medida a hegemonia estadunidense, sustentada historicamente por sua capacidade de projeção militar, econômica, cultural e normativa, encontra-se hoje diante de contradições

muito provavelmente insolúveis. Em comum, arrisco dizer, está o diagnóstico de que o “sonho americano” vem se convertendo, para os Estados Unidos, a sociedade norte-americana e para a sociedade internacional como um todo, em um verdadeiro pesadelo.

O dossiê é aberto pela análise **“A luta de classes no Governo Trump: autoritarismo e colapso social”**, de **João Paulo Urbano**, que propõe uma leitura ousada e instigante do governo Trump à luz do conceito de luta de classes, ao mesmo tempo em que explora os traços autoritários da política estadunidense recente como expressão do colapso social em curso nos Estados Unidos. O autor articula uma interpretação que conecta a emergência de Donald Trump ao esgotamento das mediações sociais tradicionais da democracia liberal, resultando em um acirramento da luta de classes nos Estados Unidos que, por sua vez, reflete diretamente a crise hegemônica em escala global. Graças a uma arguta sensibilidade analítica, o texto nos ajuda a entender como está a configurar-se, no plano doméstico, o fim do predomínio do país no cenário mundial.

A análise do autor inscreve o fenômeno do trumpismo como uma resposta de frações dominantes do capital ao impasse político provocado pelas contradições crescentes do capitalismo contemporâneo, e que o autoritarismo, longe de ser uma exceção ou anomalia, revela-se como funcional à reprodução da ordem social. A abordagem crítica adotada contribui para deslocar a leitura dos Estados Unidos para além do discurso liberal-democrático dominante, aproximando o debate da perspectiva de classe e dos limites históricos da hegemonia estadunidense. O texto se articula, nesse sentido, com outras contribuições do dossiê que buscam compreender os dilemas internos da sociedade norte-americana e sua projeção internacional a partir de estruturas de dominação de longa duração e de suas fissuras contemporâneas.

Ao abordar questões ligadas à erosão interna da sociedade norte-americana, a análise **“O Império se devora: os bilionários e a crise de valores nos Estados Unidos”**, de autoria de **Gabriel Boaventura**, oferece uma interpretação contundente da crise democrática estadunidense a partir da corrosão de seus próprios fundamentos liberais, em especial no que tange à captura do Estado por uma elite bilionária de perfil tecnocrático – com destaque para a ascensão de pessoas como Elon Musk, Jeff Bezos e Mark Zuckerberg não apenas como figuras empresariais, mas como agentes de erosão dos valores democráticos. Combinando sólida base teórica – figuram no texto argumentos e conceitos de Nancy Fraser, Corey Robin e Timothy Snyder, entre outros – e análise de eventos recentes do governo Trump, o autor examina o entrelaçamento

entre poder político e grandes fortunas como um vetor de esvaziamento normativo da democracia liberal.

A tese de que a racionalidade empresarial privatista reconfigura a esfera pública, substituindo mediação democrática por métricas de desempenho e discursos de inovação, projeta o caso norte-americano como laboratório de experiências autoritárias revestidas de modernização. O texto destaca-se também por propor reflexões críticas a partir de conceitos como “iluminismo sombrio”, “aceleracionismo de direita” e “neoliberalismo progressista”, aproximando o debate institucional de seus fundamentos ideológicos. Em articulação com os demais textos do dossiê, esta contribuição ajuda a consolidar o diagnóstico de que a hegemonia estadunidense se esfacela não apenas por pressões externas, mas por uma chocante e autoinduzida implosão de suas promessas civilizatórias.

A análise intitulada **“Is he making America great again? The role of Trump’s rhetoric in the downturn of the United States hegemony”**, de autoria de **Leonardo Nascimento e Pedro Marcelo de Souza**, propõe uma interessante análise psicológica da política externa dos Estados Unidos durante o governo Donald Trump, a partir de uma interlocução teórica com autores como Jennifer Lerner e Jonathan Renshon. Os autores exploram como emoções, traços de personalidade e construções simbólicas moldam decisões estratégicas norte-americanas na atual conjuntura. Em vez de se concentrar apenas nos efeitos materiais da política externa, o texto privilegia a dimensão subjetiva e performática do poder, examinando como a retórica emocional e os gestos teatrais da chamada “teoria do louco” (no inglês, *Madman Theory*) foram mobilizados por Trump para projetar força e imprevisibilidade no sistema internacional.

O texto articula esse enfoque psicopolítico à discussão mais ampla sobre o declínio da hegemonia dos Estados Unidos, entendendo o trumpismo como expressão tanto de uma crise de legitimidade interna quanto de uma transformação nas formas de liderança global. A análise combina sofisticação teórica, rigor empírico e densidade interpretativa, reforçando um dos eixos centrais do dossiê: os múltiplos modos pelos quais a crise da hegemonia estadunidense se manifesta — inclusive, neste caso, no plano psicológico da tomada de decisões presidenciais.

Esses dilemas internos dos Estados Unidos encontram eco em suas escolhas externas, onde as contradições morais e estratégicas tornam-se ainda mais evidentes. **“Inação e interesse: a (in)capacidade dos Estados Unidos de parar guerras”**, de **Bianca Pinheiro e Luísa Ribeiro**, debruça-se

sobre um dilema moral e estratégico recorrente da política externa norte-americana: a seletividade de sua atuação em conflitos internacionais, especialmente em contextos onde se evidenciam violações de direitos humanos. Por meio de um exame cuidadoso das guerras na Faixa de Gaza e na Ucrânia, as autoras iluminam a lógica de interesses que norteia a ação — e, sobretudo, a inação — de Washington, desvelando contradições entre os discursos normativos e os imperativos geopolíticos dos Estados Unidos.

A partir de uma abordagem que conjuga referências do campo da ética internacional e dos estudos críticos da hegemonia, o texto das autoras sugere que o enfraquecimento do poder moral dos Estados Unidos advém menos de seus fracassos em impor a paz do que de sua recusa em agir quando a paz não lhe convém. Trata-se de uma contribuição oportuna e provocativa, que dialoga com outras análises do dossiê ao tematizar os limites contemporâneos do soft power norte-americano e ao reposicionar o debate sobre o declínio hegemônico no campo da legitimidade ética.

No texto intitulado **“At what cost? How U.S. unconditional support for Israel fuels America’s moral hegemonic decline”**, as autoras **Elisha Rani e Amanda Nóbrega** realizam uma análise cujo tema é o custo moral do apoio irrestrito dos Estados Unidos a Israel no contexto do genocídio em Gaza. As autoras revelam o enfraquecimento da hegemonia estadunidense não apenas no plano material, mas sobretudo na esfera moral e simbólica. A análise de conjuntura sustenta que a duplicidade discursiva dos Estados Unidos — por um lado, defendem os valores liberais, por outro, toleram e até mesmo apoiam práticas genocidas — compromete profundamente sua credibilidade normativa, abrindo espaço para alternativas críticas e a erosão do soft power do país.

Como se não bastassem a crise moral e a perda da capacidade de liderança política e diplomática, a dimensão econômica e cultural do poder estadunidense também mostra sinais de esvaziamento. Em **“Tarifaço e o crepúsculo da potência norte-americana”**, assinada por **Anna Luiza Fagundes e Cecília Dias**, a atual conjuntura internacional é analisada a partir de um episódio paradigmático da atual estratégia comercial dos Estados Unidos, o chamado “tarifaço” contra a China. O texto articula com precisão teoria e empiria, valendo-se de referências teóricas como Giovanni Arrighi, Susan Strange e Corey Payne e Beverly Silver, para argumentar que o poder hegemônico norte-americano estaria se deslocando progressivamente para formas “extorsivas” de imposição econômica. Com abordagem fluida e elegante, a análise demonstra maturidade crítica ao relacionar os desdobramentos

externos da política tarifária com seus constrangimentos internos e ao propor uma reflexão sobre o esgarçamento do discurso liberal norte-americano. Embora focado no campo econômico-comercial, o texto sugere implicações mais amplas para a reconfiguração – ou, talvez mais precisamente, o desmantelamento – da ordem liberal internacional, abrindo espaço para comparações com outras análises presentes neste dossiê.

Em **“Ciência de malas prontas: o esvaziamento simbólico da hegemonia cultural dos Estados Unidos pela fuga de cérebros”**, **Pedro Arthur Felipe** analisa o esvaziamento simbólico da hegemonia dos Estados Unidos a partir da crise no campo científico e intelectual. A crise da hegemonia estadunidense é examinada a partir de um ângulo original e menos explorado: o colapso simbólico da liderança cultural norte-americana no campo da ciência e da produção de conhecimento. Ao mobilizar o conceito de “fuga de cérebros” como expressão do esvaziamento do soft power dos Estados Unidos, o autor ilumina uma faceta crucial do declínio hegemônico, a saber o progressivo afastamento das mentes científicas globais dos polos tradicionais de prestígio, financiamento e liberdade acadêmica. O texto enriquece o dossiê ao articular de modo consistente referências como Antonio Gramsci, Giovanni Arrighi e Robert Cox com dados empíricos relevantes e contundentes, oferecendo uma interpretação crítica das dinâmicas culturais que acompanham o reposicionamento geopolítico global contemporâneo.

Essas fragilidades internas e externas ganham relevo quando confrontadas com a inevitável ascensão chinesa e os novos tabuleiros tecnológicos e geopolíticos da disputa hegemônica. Nesse sentido, somos testemunhas privilegiadas da história por acompanharmos os desdobramentos internos e externos de uma transformação mundial tão acelerada e profunda. Os que aparecem a seguir abordam, por diferentes ângulos temáticos e por perspectivas teórico-conceituais diversas, o grande enfrentamento do nosso tempo, entre a águia norte-americana e o dragão chinês. Tema inescapável de nosso tempo, sem dúvidas, assim como as dinâmicas associadas aos países que compõem o BRICS+, sob a liderança cada vez mais evidente da China.

O primeiro deles, de autoria de **Yasmin Taia**, **“Mar do Sul da China: disputa territorial e o reordenamento da hegemonia global”**, analisa as disputas territoriais no Mar do Sul da China como expressão das transformações recentes na ordem internacional, com ênfase na ascensão da China e no relativo declínio da hegemonia dos Estados Unidos. A autora destaca o papel estratégico da região para o comércio global, a segurança marítima e

os interesses energéticos, examinando os conflitos em torno dos arquipélagos de Spratly e Paracels, bem como a construção de ilhas artificiais e bases militares por parte da China. A análise articula os aspectos históricos, diplomáticos e militares do embate sino-americano, abordando as implicações jurídicas e geopolíticas da atuação chinesa e das respostas estadunidenses.

Ao discutir o enfraquecimento da influência dos Estados Unidos e a intensificação da presença chinesa na região, o texto sugere que o Mar do Sul da China tornou-se um dos principais focos de instabilidade geoestratégica contemporânea. A autora conclui apontando cenários possíveis de escalada militar, reconfiguração de alianças e emergência de uma nova correlação de forças no sistema internacional, marcada por disputas de soberania, competição por influência internacional e desafios ao multilateralismo.

“‘Quintal dos EUA’ sob controle chinês: a BRI na América Latina e o caso Panamá”, análise de autoria de **Marina Morena Santos**, examina o caso do Panamá, com foco nas suas relações com a China e os Estados Unidos, especialmente no que diz respeito ao Canal do Panamá, a fim de avaliar o grau de influência exercido pelos Estados Unidos e a capacidade da China de ser alternativa para independência no “quintal” norte-americano. A crescente presença da China na América Latina é o ponto de partida da análise da autora, que investiga como essa aproximação desafia a tradicional influência dos Estados Unidos na região. O texto examina os impactos da adesão do Panamá à chinesa Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, acrônimo em inglês para a Belt and Road Initiative), primeiro país da América Latina a aderir à Iniciativa, explorando algumas das implicações geopolíticas e econômicas dessa decisão. A análise expõe as dificuldades dos Estados Unidos em manter sua hegemonia regional diante de um parceiro como a China, que oferece alternativas concretas de cooperação econômica e, de acordo com a análise da autora, o Panamá torna-se exemplar para compreender a disputa de influência entre as duas potências na região.

O texto **“Quando a economia não basta: o soft power chinês frente ao legado hegemônico dos EUA”**, de **Douglas Silva e Isadora Hassum**, explora as ambiguidades que atravessam a disputa hegemônica contemporânea entre Estados Unidos e China, situando o soft power como um campo privilegiado de análise das assimetrias persistentes. A análise articula com consistência referências fundamentais, como Joseph Nye Jr., Robert Keohane, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, apresentando um recorte pertinente e atual e, finalmente, expondo com clareza as distinções entre os modelos de soft power dos

Estados Unidos e da China.

Ao tensionar a narrativa dominante de um declínio da influência norte-americana, o texto propõe uma releitura crítica tanto das fragilidades do modelo cultural estadunidense quanto dos desafios que a China enfrenta para consolidar sua influência normativa em escala global. Seu argumento central sustenta que, embora o avanço chinês no plano do hard power seja inegável, sua projeção de valores e modos de vida ainda carece de difusão e legitimidade transnacional comparável à exercida historicamente pelos Estados Unidos — o que impõe limites concretos à reconfiguração da ordem hegemônica. A análise oferece, assim, um contraponto valioso aos textos deste dossiê que enfatizam exclusivamente a erosão do poder estadunidense, ao argumentar que o vácuo de hegemonia cultural ainda não foi plenamente ocupado por nenhuma outra potência.

Em meio aos diversos enfoques adotados pelas análises deste dossiê, merece destaque a contribuição de **João Pedro Reinholz, “Trump sonha com pandas elétricos? IA como novo elemento na disputa entre EUA e China”**, que desloca o eixo da discussão do declínio hegemônico para um terreno menos habitual, mas cada vez mais decisivo: a competição estratégica em torno da Inteligência Artificial (IA). Partindo de uma matriz teórica realista e de um conjunto interessante de dados empíricos, o autor demonstra como a IA emerge não apenas como instrumento tecnológico, mas como arena geopolítica autônoma e decisiva na disputa entre Estados Unidos e China. Essa análise amplia o escopo das reflexões aqui reunidas, ao evidenciar que o “pesadelo americano” também pode se desenhar nos circuitos de silício e nos algoritmos que definem quem possui poder global na era digital.

O texto **“O levante dos algoritmos do Sul: a parceria sino-brasileira como vanguarda tecnológica do BRICS+”**, de **Kaio Lucas Mesquita e Cíntia Lucena**, apresenta uma problematização sobre os rumos da soberania tecnológica global e os possíveis deslocamentos provocados pela atuação do BRICS+, com ênfase na parceria sino-brasileira em IA. Um dos aspectos mais fortes da reflexão é a capacidade de evidenciar as contradições internas do BRICS+ e, em particular, da parceria sino-brasileira. Ao mesmo tempo em que aponta a emergência de uma nova arquitetura digital multipolar, o texto não perde de vista os riscos decorrentes de assimetrias persistentes, dependência tecnológica e limitações institucionais.

O artigo se inscreve num esforço mais amplo de pensar a reconfiguração da ordem internacional a partir das margens do sistema — ou, mais precisamente, a partir

das potências intermediárias que articulam alternativas viáveis ao domínio informacional do Norte Global. Trata-se de uma análise com um forte apelo à renovação do olhar sobre os BRICS e suas estratégias digitais, dialogando diretamente com outros textos do dossiê que tratam da erosão da hegemonia estadunidense e da ascensão tecnológica da China.

A análise **“Multilateralism in crisis: can BRICS fill the void left by a retreating United States in Global Governance?”**, de **Julia Soares e Lenira Oliveira**, oferece uma análise densa e bem articulada sobre os impasses da política externa estadunidense contemporânea e seus reflexos na legitimidade da liderança global dos Estados Unidos. A partir da observação das contradições evidenciadas nas cúpulas do G7 e da oscilação da atuação norte-americana nas principais arenas multilaterais, as autoras discutem o esvaziamento do discurso universalista da ordem liberal e as oportunidades que se abrem para a projeção internacional dos BRICS. O texto destaca o papel dessa coalizão como possível alternativa à hegemonia unipolar, em um cenário de transição marcado por disputas normativas, realinhamentos estratégicos e tentativas de reconfiguração da governança global. Ao combinar solidez empírica com clareza expositiva, a análise contribui significativamente para um dos eixos centrais do dossiê: o questionamento sobre o futuro da ordem internacional diante da crise de legitimidade e de coordenação enfrentada pelos Estados Unidos.

Por fim, o último texto do dossiê, **“‘Perigo amarelo’: a disputa pela hegemonia global e o fantasma do racismo”**, de **Milena Sartório e Sofia Harumi Medeiros**, analisa o ressurgimento do repugnante conceito do “perigo amarelo”, construção racializada que representa a China como ameaça à ordem ocidental e à hegemonia global vigente, sendo atualmente utilizada nos Estados Unidos como um instrumento simbólico de contenção da projeção global chinesa. O texto situa esse conceito como uma reação à erosão da hegemonia norte-americana, abordando o modo como representações racializadas da China, articuladas a discursos securitários e à retórica da ameaça existencial, operam como mecanismos de legitimação para a contenção do avanço chinês em diferentes frentes — econômica, tecnológica e simbólica. Nesse sentido, o texto examina como a ascensão chinesa é enquadrada pelo Ocidente sob lentes que misturam o medo do outro racializado e a defesa da civilização, reativando estigmas coloniais para preservar a centralidade do Ocidente. Ao evidenciar como o discurso racista se imbrica nas estratégias de política externa, o artigo oferece uma contribuição original e provocativa ao debate sobre o declínio da hegemonia estadunidense e os limites da

ordem internacional liberal.

Concluímos, assim, a apresentação deste dossiê com a convicção de que os textos aqui reunidos atestam a qualidade cada vez melhor dos textos publicados pela *Revista PET-REL: Boletim de Conjuntura do Programa de Educação Tutorial de Relações Internacionais da Universidade de Brasília*, oferecendo aos leitores e às leitoras não apenas diagnósticos sobre a crise da hegemonia norte-americana, mas também reflexões mais amplas sobre as transformações em curso na ordem internacional. Ao articular perspectivas teóricas diversas e análises empíricas rigorosas, as contribuições desta edição especial revelam como o “pesadelo americano” se expressa em múltiplas dimensões: na política doméstica, na moralidade da ação externa, na economia, nas questões de segurança internacional, na disputa tecnológica e no plano simbólico das disputas de poder em nível global. Esperamos que a leitura desses textos estimule debates críticos, inspire novas pesquisas e fortaleça a capacidade analítica diante do instigante desafio de compreender um mundo em profunda transição.

Boa leitura!

